

CINISMO COMO CRÍTICA À TRADIÇÃO CYNISM AS CRITICISM OF TRADITION

Jasson da Silva Martins¹

RESUMO: Este texto aborda o ideal de vida cínico como uma crítica à tradição. É uma abordagem que visa expor aspectos históricos da escola cínica e atualizar a discussão sobre a recepção do cinismo. Destacar a persistência do modo de vida cínico com paradigma para a discussão teórica no campo da ética e da filosofia moral. Em uma sociedade em que a valoração tornou-se um valor, os cínicos podem nos ensinar a fugir da avaliação constante para viver o mais naturalmente possível.

Palavras-chave: Cinismo. Crítica. Natureza. Tradição.

ABSTRACT: This text addresses the cynical ideal of life as a critique of the tradition. It is an approach that aims to expose historical aspects of the cynical school and update the discussion about the reception of cynicism. Highlight the persistence of the cynical way of life as a paradigm for theoretical discussion in the field of ethics and moral philosophy. In a society where valuation has become a value, cynics can teach us to escape constant evaluation in order to live as naturally as possible.

Key words. Cynicism. Criticism. Nature. Tradition.

INTRODUÇÃO

O que posso aprender com o cinismo? Não há o que aprender, pois o cinismo tem o seu ponto de partida nas ações de cada um, nas ações que dissimulam os valores sociais aos quais aderimos por simples conformismo. Deste ponto de vista, o cinismo é herdeiro direto de Sócrates cuja missão foi examinar os cidadãos. Diógenes, no entanto, radicaliza o exame de Sócrates à medida que opta por uma autarquia máxima somada à uma subversão completa dos valores tradicionais. De maneira escandalosa, o cínico rejeita as regras elementares e as condições da vida em sociedade. Os filósofos-cães retiveram de Sócrates sua capacidade notável de dominar a si mesmo e ser autossuficientes. O estilo de vida cínico revela que a causa da infelicidade está ligada à nossa dependência dos objetos exteriores e que a virtude se atém simplesmente à autarquia, à independência completa, sinônimo de verdadeira liberdade.

Ao desejo de possuir bens, os cínicos escolhem, antes, possuir a si mesmos e reduzir suas necessidades àquelas necessidades básicas prescritas pela lei da natureza. Segundo os

¹ Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutorando em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4851-5225/>. Contato: jassonfilos@gmail.com

apotegmas conservados pela tradição, Diógenes não se privou jamais de denunciar aqueles que vivem no luxo, a fim de mostrar que eles não são “mestres”, mas autênticos “escravos”. A filosofia cínica se resume a um conjunto de exercícios e esforços, atos e não palavras. Autárquico e condutor de homens, o cínico propõe um modo de vida natural e simplificado que comporta uma ascese dos desejos e pode ser assumido como filosofia prática. O que podemos aprender com o “gênero de vida” dos cínicos e suas escolhas de um modo de vida tão frugal, reduzido apenas a conformidade com a natureza? Será que o fato de viver na simplicidade mais completa permitiu aos cínicos viver uma vida verdadeiramente autêntica? Seria a vida simples a única, a partir da qual, seríamos capazes de proferir verdades em ato e praticar atos de verdade? O tempo atual clama por Diógenes. Fala-se muito, mostra-se pouco! No que segue, apresento o cinismo como uma maneira de viver em cujo centro está a prática e não o discurso filosófico.

O MODO CÍNICO DE VIVER

Desde a antiguidade alguns estudiosos, a exemplo de Diógenes Laércio, se perguntavam se seria possível considerar o cinismo como uma verdadeira escola filosófica. Este tópico é muito discutido e faz parte da história das ideias. Gostaria de ressaltar, no entanto, que a pobreza intelectual ou teórica da seita contrasta com a desenvoltura e a firmeza com a qual os adeptos da mesma assumem e expressam suas convicções e seus rechaços às normas da sociedade. A filosofia cínica é, essencialmente, exercício:

Sua filosofia é totalmente exercício (áske-sis) e esforço, pois os artifícios, as convenções e comodidades da civilização, o luxo e a vaidade enfraquecem o corpo e o espírito. Eis por que o gênero de vida cínico constituirá em uma preparação quase atlética, mas refletida, para suportar a fome, a sede, as intempéries, a fim de adquirir a liberdade, a independência, a força interior, a ausência de cuidados, a tranquilidade de uma alma que será capaz de se adaptar a todas as circunstâncias (HADOT, 2008, p. 164).

Quanto ao discurso, os cínicos, optaram por uma redução deste ao se exprimirem de maneira muito concisa, com ajuda de gracejos e sarcasmos. Muito embora não seja um monopólio, os cínicos praticam a *parrersía*, quer dizer, o dito-verdade, o franco falar, a franqueza extrema, na fala e nos gestos. A quase ausência de recursos teóricos do ceticismo

permite, a exemplo de Foucault, reconhecer a prática cínica como forma de vida que substitui o enunciado teórico pela ação:

Se retomarmos o problema e o tema do cinismo a partir dessa grande história da *parresía* e do dizer-a-verdade, podemos dizer então que, enquanto toda a filosofia vai tender cada vez mais a colocar a questão do dizer-a-verdade nos termos das condições sob as quais podemos reconhecer um enunciado como verdadeiro, o cinismo é a forma que não cessa de colocar a questão: qual pode ser a forma de vida que seja tal que pratica o dizer-a-verdade? (FOUCAULT, 2014, p. 206).

Não possuindo nada e, portanto, não tendo nada a perder, Diógenes pode não somente dizer, mas também mostrar, na prática, o seu saber-fazer: “Ele afirmava opor à sorte a coragem, às leis a natureza, à paixão a razão” (DIOGÈNES LAËRCE, VI, 38, p. 716). Os cínicos não fundaram uma escola em um lugar fixo, nem edificaram uma teoria complicada com uma lógica, uma física ou uma metafísica, muito menos uma ética com sólidos dogmas e refinados silogismos. Filósofos rueiros, desarraigados, populares, os cínicos, historicamente, significam um rechaço da cultura e da civilização, bem como a prática de um novo ideal de vida. O cínico percorre, com um sorriso desdenhoso e sardônico, todo o território helenizado, radicalizando as ideias de Sócrates e dos sofistas:

A emblemática do cinismo é [...] o homem de manto curto, barba hirsuta, pés descalços e sujos, com a mochila, o cajado, e que está ali, nas esquinas, nas praças públicas, na porta dos templos, interpelando as pessoas para lhes dizer algumas verdades (FOUCAULT, 2014, 171).

Por todo o orbe helenizado, a imagem dos cínicos, próxima a do mendigo – prelúdio do que será o monge mendicante – é bem conhecida². Tanto Epicteto como, mais tarde, no século IV d.C., o imperador Juliano, escreverão contra os cínicos ignorantes, enquanto que

² Há, no entanto, uma diferença importante entre a vida cínica e a vida mendicante, quanto à motivação e o pressuposto. Se se pensa no exemplo mais radical da tradição cristã (na conversão de Francisco de Assis, por exemplo) nota-se que ele adota a pobreza e a mendicância como modo de vida, ao mesmo tempo em que se desfaz da vida faustosa e dos bens da família; ele se desfaz dos bens em nome de um ideal, de um chamado. Os cínicos não possuem quase nada e não almejam nada, exceto atender as necessidades básicas da natureza. Tudo leva a crer que há uma presença do cinismo ao longo do tempo, inclusive no interior do cristianismo: “Os franciscanos, com seu despojamento, sua errância, sua pobreza, sua mendicidade, são até certo ponto os cínicos da cristandade medieval. Quanto aos dominicanos, pois bem, vocês sabem que eles próprios se chamavam *Domini canes* (os cães do Senhor). [...]. Houve todo um cinismo cristão, um cinismo anti-institucional, um cinismo que eu diria antieclesiástico, cujas formas e vestígios ainda vivos eram sensíveis à Reforma” (FOUCAULT, 2014, 160).

o satirista Luciano de Samósata, um dos maiores escritores do helenismo tardio, converterá o cínico Diógenes e o cínico Menipo em heróis cuja visão do mundo cáustica e niilista a obra *Diálogos dos mortos* apresenta diversas passagens.

Kynikós é um adjetivo que, em grego, significa “canino”, e que foi aplicado aos membros deste grupo filosófico para destacar seu modo de comportar-se semelhante “a um cão”, quer dizer, desavergonhadamente. Porém, não sabemos de quem o próprio Antístenes e seus primeiros discípulos o receberam. Foi Diógenes de Sinope quem se fez famoso com este apelido. Tanto Diógenes como seus amigos, à semelhança dos cães, fazia, em público, aqueles atos que a gente de pudor soe fazer apenas em privado. Eles também, como os cães, careciam do menor respeito pelas instituições e pelos objetos mais sagrados da comunidade.

Com a perda da autonomia, a Cidade perde também seu poder educativo. O cinismo e depois o estoicismo são fundamentalmente filosofias da autodisciplina que, na história da cultura grega, nascem no momento oportuno como resposta à nova situação. Neste mesmo movimento, o homem e a sociedade se separam e o aperfeiçoamento daquele [do homem] deixa de ir em uníssono com o aperfeiçoamento desta [a sociedade] (DARAKI; ROMEYER-DHERBEY, 1996, p. 13).

Após a morte de Sócrates e a queda de Atenas, o respeito não é mais possível pois a cidade perdeu a sua autonomia e, com isso, o seu poder educativo. O cão, na linguagem coloquial, foi e continua o símbolo da desvergonha extrema, de modo que este apelido se ajustava à escandalosa e impudica maneira de comportar-se do filósofo do barril. Não é raro que Diógenes defenda a prática deste modo de vida com satisfação. À medida que propõem um retorno à natureza e um rechaço às convenções, os cínicos forjam uma filosofia prática, como crítica da teoria:

Há quatro razões pelas quais os cínicos são nomeados assim. Primeiro, por causa da indiferença e, ao modo dos cães, comem e fazem sexo em público, caminham descalços e dormem em tonéis pelas encruzilhadas. A segunda razão é que o cão é um animal impudente e eles cultuam a impudência como algo não abaixo da moderação, superior a ela. A terceira razão é que o cão é um bom guardião e eles guardam os princípios da filosofia. A quarta razão é que o cão é um animal discernidor, que pode distinguir os amigos dos inimigos. Assim, reconhecem como amigos os que se adaptam à filosofia e os acolhem gentilmente, ao passo que, dos que não se ajustam, afastam-se latindo para eles (DUDLEY, 1980, p. 5).

Aquilo que começou com um insulto acabou convertido em emblema da seita. Somado a este aspecto canino, outro aspecto é igualmente importante: a lanterna de Diógenes. Nietzsche, grande admirador dos cínicos, alerta aconselhando: “Antes de procurar o homem, é preciso achar a lanterna” (NIETZSCHE, 2008, § 18, p. 175). Quem conhece o § 125 da obra *Gaia ciência* sabe bem o que aquele homem com a lanterna encontrou no mercado, depois de muito procurar. O modo cínico de viver equivale a capacidade de dizer a verdade independente das consequências. A presença do cinismo na obra de Nietzsche revela a presença da seita na tradição filosófica, sem perder o que lhe é essencial: a prática de vida contra o discurso e a crítica aos ideais mais excelsos, através da constatação dos fatos concretos.

VIVER DE ACORDO COM A NATUREZA

Como já foi dito, os cínicos não formaram um grupo fechado e preciso, mas uma seita de pregadores rueiros, unidos por uma doutrina bastante sensível: rechaço das convenções da cultura e da urbanidade, retorno à vida natural, admitindo como valores fundamentais a liberdade de ação e de palavra, a virtude individual, o esforço, a austeridade e a autossuficiência do indivíduo. Os pressupostos que estão na base desta prática podem ser resumidas nas proposições abaixo, descritas por Long, sob o signo da felicidade:

1. A felicidade é viver de acordo com a natureza.
2. A felicidade é algo disponível para qualquer pessoa disposta a se dedicar a um treinamento físico e mental suficiente.
3. A essência da felicidade é o autodomínio, que se manifesta na capacidade de viver feliz mesmo nas circunstâncias mais seriamente adversas.
4. Autodomínio é equivalente a, ou envolve, um caráter virtuoso.
5. A pessoa feliz, assim entendida, é a única pessoa verdadeiramente sábia, nobre e livre.
6. As coisas convencionalmente julgadas necessárias para a felicidade, como riqueza, fama e poder político, não têm nenhum valor na natureza.
7. Os principais impedimentos à felicidade são falsos juízos de valor, juntamente com as perturbações mentais e o caráter vicioso que derivam desses juízos (LONG, 2007, p. 41).

Do ponto de vista histórico, os cínicos são um produto de uma época de crise. Rebeldes, mais do que revolucionários, pregam a liberdade radical do indivíduo, que não

deve submeter-se à outras normas, além daquelas exigências contida na própria natureza. Nisso consiste a virtude do sábio cínico: não reconhecer outra pátria natural que o mundo inteiro, nem outras leis válidas que as leis da natureza, não aceitar deuses nem as instituições consagradas pela comunidade.

O prêmio deste esforço é a aquisição da felicidade, comparada à condição dos deuses: “Se alguém duvida da felicidade de Diógenes pode duvidar também da condição dos deuses imortais” (SÊNECA, 2014, livro I, 8, 5, p. 208). Em um contexto cultural conturbado, preconizar um modo de vida filosoficamente defensável e acessível a todos, tornou-se uma boa razão para aproximar o modo de vida cínico das classes populares. Não apenas pela sensibilidade de seus postulados, mas também por sua oposição a todo tipo de refinamento, o cinismo permitia que os adeptos radicalizassem o discurso, através da ação. É na ação, como afirma Nietzsche, que o homem pode ser superior a cultura histórica:

No interior da cultura histórica, caso queira ser mais do que um saber interiormente contido e sem efeitos, a filosofia não tem direito algum; fosse o homem moderno corajoso e decidido, ele não seria, mesmo em suas inimidades, somente um ser interior: ele baniria a filosofia; agora, ele se contenta em disfarçar envergonhadamente sua nudez. Sim, pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é mais ou menos permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: aí apenas uma única coisa é permitida e todo o resto é simplesmente impossível: assim o quer a cultura histórica. Será que ainda são homens – perguntamo-nos então – ou talvez somente máquinas de pensar, de escrever e de falar? (NIETZSCHE, 2003, p. 44).

Ao desprender-se de quase tudo como algo supérfluo para a felicidade, o cínico só confia na virtude e em seu próprio esforço. Somente a prática da virtude oferece um escasso asilo aos embates da fortuna. O cínico tudo carrega consigo em seu embornal. Vive em qualquer parte e se alimenta com muito pouco. Por isso goza da existência soberbamente e sabe se divertir do desassossego irracional dos demais, que trabalham com zelo para deter os avatares do acaso: “Lição de sabedoria: mais uma vez, seguir a natureza, recusar a cultura, não se preocupar com as conveniências, não ligar para o olhar e o julgamento dos outros, primeira condição para alcançar uma verdadeira sabedoria” (ONFRAY, 2008, p. 133). Quantos hoje em dia se libertam e encontram a *ataraxia* quando deixam de ligar para o olhar ou o julgamento dos outros? Este movimento é sempre duplo: uma fuga dos olhares e dos juízos externos, não por acaso, conduz a um encontro consigo

mesmo e com as pequenas conquistas que o cotidiano, sem alarde, promove. É preciso o convite para retornar ao interior. Muito antes do bispo Agostinho, os cínicos faziam esse convite à sua maneira: pregavam a ojeriza do exterior, no modo de viver e também nos insultos-denúncia contra o poder:

A parresía filosófica de Diógenes consiste essencialmente em se mostrar em sua nudez natural, fora de todas as convenções e fora de todas as leis artificialmente impostas pela cidade. A parresía de Diógenes está, portanto, em seu próprio modo de vida, ela se manifesta também nesse discurso de insulto, de denúncia em relação ao poder (FOUCAULT, 2010, p. 261).

Indiferentes e independentes, os cínicos herdaram o ideal socrático de buscar, antes de tudo, a virtude; de submeter tudo e todos à crítica; de esforçar-se pela conquista da autossuficiência mediante o ascetismo e o autodomínio; desprezar os falsos valores de uma sociedade alienante. Tudo isso os cínicos – em atos mais do que em palavras –, proclamavam como escandalosa radicalidade, sem nenhum compromisso e sem nenhum tabu. O ideal de vida cínico não está contido na promessa de uma possível realização da felicidade no futuro. A maneira de viver, sem contradição entre atos e palavras, em consonância com as necessidades da natureza, preenche a vida do cínico. Hoje, mais do que nunca, é conhecida a razão do nosso mal-estar. Também é conhecida a fórmula para superação deste referido mal-estar: o retorno à simplicidade, o incentivo às práticas que diminuem a distância entre o interior e o exterior... a busca de uma concepção de vida que aproxime o discurso e a ação, este é o início de uma vida feliz.

ALTERAR E CUNHAR NOVOS VALORES

Ainda que conheçamos muito fragmentariamente o cinismo, não há dúvida de que o fundamental é a orientação moral desta seita. Se o objetivo final de nossa existência é viver de acordo com a virtude e apenas disso depende a nossa felicidade, a virtude pode e deve ser ensinada – à semelhança do que pregavam os sofistas e contra o que defendia Platão. Uma vez aprendida, não se esquece: ser sábio, em boa medida, supõe a prática da virtude. A soma de sabedoria e virtude resulta em uma vida feliz. Alguém duvida?

A virtude é suficiente para a felicidade, enquanto os bens da fortuna, tais como a riqueza, a beleza, as honrarias, etc. são secundários e não podem acrescentar nada à

felicidade do sábio. Para alcançar a virtude o homem se esforça e este esforço é um dos grandes logros da vida. É através do esforço que a autossuficiência do sábio ganha o seu contorno preciso. Esta excelência não vem de berço ou é recebida como um dom divino. A conquista da felicidade é adquirida mediante o esforço pessoal e do cultivo da liberdade e da vontade.

A via da verdadeira excelência, da independência a respeito do mundo inteiro, excelência e independência que pode conseguir todo aquele que a isso se propõe, consiste em não deixar-se dominar por nada, por nenhum contratempo, nem pela fome, nem pela sede, nem pelo frio, nem pela dor física, a pobreza, a humilhação ou o desterro, mas ver em tudo isso uma simples ocasião de endurecimento (*kartería*), de “ascese” em sentido corporal e anímico. A liberdade da vontade e da ação está dada a todo mundo. Este é o abrupto caminho através do qual se erguem as grandes personalidades históricas, como Ciro, o Velho, que Antístenes citava como modelo em seu escrito. Esta confiança na vontade humana tem como pressuposto uma concepção otimista do ser do homem a partir do ponto de vista moral (NESTLE, 2010, p. 248-49).

Não são os bens materiais que proporcionam a felicidade e sim a busca e a prática da virtude. Com os cínicos, a exigência socrática da vida virtuosa está de volta e se espelha na ação do próprio Sócrates e não é apenas objeto de discursos sobre o que é a virtude. Ao contrário do Sócrates de Platão que visava pautas universais, o filósofo cínico visa a efetivação, na vida pessoal, da virtude como ação prática em harmonia com a natureza. Podemos, então, aprender que a postura cínica é uma crítica à filosofia de Platão – uma vez que o fundador da Academia exalta mais as ideias de Sócrates – e um retorno a filosofia socrática, através da exaltação da ação em detrimento do discurso. É nesse contexto que surge a oposição entre as necessidades naturais e leis demandas culturais, tema tão destacado pelos sofistas. Mas, ao contrário dos sofistas, os cínicos rechaçavam o convencional e artificial, que é próprio do *nómos* (da lei), para defender o universal da natureza (*phýsis*). O sábio cínico não obedece às leis particulares, mas a lei da natureza. Em Diógenes encontramos exacerbados os traços característicos do cínico: não tem pátria, nem casa, habita em um barril, próximo da ágora, veste o simples e gasto manto. Não discursa, pois, prefere mostrar, através de sua maneira de viver, o seu desdém por todos os luxos inúteis da civilização e pelos chamados deveres da comunidade.

Certa vez, Diógenes viu um menino bebendo água com a palma das mãos e jogou fora o copo que trazia em sua sacola dizendo: “um menino deu-me uma lição de simplicidade!”. Além disso, ele jogou fora sua bacia quando, em outra ocasião, viu um menino que havia quebrado o prato comer lentilhas com a parte côncava de um pedaço de pão (DIOGÈNES LAËRCE, VI, 37, p. 715).

A permanência na vida natural nos predispõe a aprender com os gestos simples dos humanos e dos animais. Diógenes encontrou, nesta austera independência e nesta liberdade total de palavra, o caminho para o que “pregava”. Só admitia uma ordem justa, a da natureza. Nietzsche não está longe da verdade quando afirma: “O cinismo é a única forma sob a qual as almas vulgares se aproximam do que seja a honestidade” (NIETZSCHE, 2008, § 26, p. 34). No cinismo o risco de contradição é diminuto: há uma tendência a equiparar o dizer e viver. Ousaria afirmar que a moral nobre descrita por Nietzsche nada mais é do que uma teorização da prática do cinismo. Historicamente, a oposição entre teoria e prática pode ser entrevista naquela famosa anedota narrada por Plutarco. Esta anedota, real ou inventada, reflete bem o quanto isento de necessidade está o cínico, que vive com o mínimo: um pouco de sol ou de sombra, um alimento qualquer, apenas um teto e um tosco manto. Naturalmente depreciava os políticos, tanto os tiranos como os demagogos. Lida em sua inteireza, o centro não é Diógenes e sim o quanto a sua postura, o seu comportamento é capaz de provocar – mesmo que no nível do discurso –, uma mudança de postura do dirigente.

Os gregos estavam reunidos no istmo e haviam resolvido, com um decreto, que se agregariam a Alexandre na guerra contra os persas. Alexandre foi nomeado chefe da expedição, e recebeu as visitas de uma multidão de estadistas e de filósofos, que iam felicitá-lo pela escolha dos gregos. Ele esperava que Diógenes de Sinope, que vivia em Corinto, fizesse outro tanto. Mas, como Diógenes mostrasse que absolutamente não se preocupava com ele, ficando tranquilo no Cranium [Bairro e passeio na antiga Corinto], foi ele mesmo visitá-lo. Diógenes estava deitado ao Sol; e, quando viu chegar uma multidão tão grande que o procurava, levantou-se um pouco e fixou olhar em Alexandre, o qual o cumprimentou e perguntou-lhe se precisava de alguma coisa. “Sim”, respondeu Diógenes, “afasta-te um pouco do meu Sol”. Essa resposta – dizem – impressionou vivamente Alexandre. O desprezo que lhe mostrou Diógenes inspirou-lhe uma alta ideia da grandeza de alma desse homem; e, na volta, ouvindo seus oficiais zombarem de Diógenes, disse: “Para mim, se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes” (PLUTARCO, 2016, p. 35).

A constante oposição entre a teoria e a prática – com vistas à síntese universal, própria do conceito –, era considerada pelos cínicos uma oposição perniciosa por distanciar o homem da linguagem comum, a única que deveria interessá-lo. A linguagem da especulação ou a busca ávida por conceitos resultam na descoberta de coisas que estão distante e na ignorância daquelas que estão próximas. É preciso ser cínico para dizer a verdade, ou seja, é preciso sair do “esquema” normal e geral do que prega o bom senso, tanto ontem quanto hoje:

A partir do instante em que a filosofia não é capaz de viver o que ela diz senão de modo hipócrita, é preciso insolência para dizer o que se vive. Numa cultura em que os idealismos empedernidos fazem da mentira a forma de vida, o processo da verdade depende da existência de pessoas suficientemente agressivas e livres (‘descaradas’) para dizer a verdade (SLOTERDIJK, 2012, p. 155).

A postura de Diógenes diante de Alexandre é reveladora de sua atividade. Ele a definiu como *parakharáttein tò nómisma*, que pode ser traduzido como “transmutar os valores”, uma sutil alusão a “recunhar”, ou melhor, “falsificar a moeda”, um crime que seu pai e ele foram acusados em Sinope³.

Alguns dizem que, tendo sido designado supervisor dos trabalhadores, ele se deixou persuadir por eles e dirigiu-se a Delfos, ou ao oráculo délio de sua própria cidade, para interrogar a Apolo se deveria fazer aquilo que lhe pediam que fizesse. Quando o Deus lhe deu permissão para “descaracterizar os valores” da cidade, não compreendendo o que isso significava, ele adulterou a moeda e, após ter sido descoberto, segundo alguns, foi exilado, segundo outros, deixou a cidade voluntariamente, temendo as consequências (DIOGÈNES LAËRCE, VI, 20, p. 236-37).

O ato de recunhar a moeda é apropriado pela genealogia da moral de Nietzsche, como uma necessidade de transmutar o valor dos valores tradicionais. Um excelente esclarecimento e aproximação entre lei e moeda é realizado por Michel Foucault, nestes termos:

³ O capítulo “Desfigurar a moeda: a retórica de Diógenes e a *invenção* do cinismo”, de autoria de R. Bracht Branham (2007, p. 95-119) faz uma análise da posição cínica no contexto dos muitos discursos que havia na época. O texto de apresentação do livro *Les cyniques grecs*, de autoria da especialista, Marie-Odile Goulet-Cazé, intitulado *Les cyniques et la “falsification de la monnaie”* (1992, p. 1-24), faz um resumo dos principais traços do cinismo, bem como da herança desta escola filosófica.

De fato, o que quer dizer “alterar o valor da moeda” (*parakharáttein tò nómisma*)? [...]: em torno do tema “mudar, alterar o valor da moeda”, é preciso, primeiramente, salientar a aproximação que há – e que a própria palavra indica – entre moeda e costume, regra, lei. *Nomisma* é moeda. *Nómos* é a lei. Mudar o valor da moeda também é tomar certa atitude em relação ao que é convenção, regra, lei (FOUCAULT, 2014, p. 199, grifos do autor).

Assim como o apelido de cão, a acusação de desfigurar os valores da moeda cai muito bem a uma filosofia que pretende desfigurar os “os valores” da sociedade. Os cínicos faziam isso com gestos: não ligar para as convenções e comendo em qualquer lugar. Comer em qualquer lugar é seguir a natureza: a fome e a sede não é algo teórico e sim uma exigência da natureza para a manutenção do composto vivo. Atendida a necessidade da natureza, o ato de relegar os discursos sobre a vida, torna-se uma exigência racional. Importa, como aconselha Epicteto a um discípulo, ultrapassar o modo de vida cínico, rumo à compreensão filosófica desta tarefa:

Pensa cuidadosamente sobre o assunto, pois que isso não é de modo algum o que pensas. “Vestirei um manto rústico e dormirei em uma cama dura. Vou carregar comigo apenas um bernal e um cajado e começarei a andar de lugar em lugar, esmolando o sustento e ultrajando quantos cruzarem meu caminho. E se eu vir alguém se livrando dos pelos supérfluos, ou cortando o cabelo com capricho, ou zanzando em roupas escarlates, precipitar-me-ei duramente sobre ele”. Se pensas que é isso o cinismo, mantém-te longe dele tanto quanto possível. Não penses sequer em se aproximar dele, pois que não tem nada que ver contigo. Mas, se fores capaz de entendê-lo corretamente, comece a considerar a magnitude da empresa que estás a ponto de abraçar (EPICTETO, 2012, III, 22, 9-12).

Se o objetivo é a felicidade – concebida como ausência de contradição ou mínima contradição entre o dizer e o viver –, a civilização com todas as suas benesses não é o lugar para encontrá-la. Mais recentemente, em sua famosa análise do mal-estar da civilização, Freud expôs esta contradição na sociedade capitalista e tecnológica: para ele o desenvolvimento social, não é sinônimo de realização pessoal, mas a supressão de uma realização plena do indivíduo. A busca da realização pessoal, através da simplicidade da vida e do viver é o centro da prática cínica, como muito bem anotou Kant:

O ideal do sumo bem para os antigos assumiu três formas. 1. O ideal cínico, que é a seita de Diógenes. 2. O ideal epicurista. 3. O ideal estoico, que é a

seita de Zenão. Essas seitas são classificadas de acordo com conceitos. O ideal cínico é o ideal da inocência ou, antes, da simplicidade, na suficiência do gozo da felicidade. O ideal epicurista era o ideal da prudência. [...]. O ideal estoico foi o ideal da sabedoria (KANT, 2018, p. 95).

A simplicidade do agir e do viver é um ideal acessível a todos, independente da situação. Diógenes, o cínico mais exemplar na tradição, é lembrado pela prática austera de sua filosofia como maneira de viver bem como pela forma como justifica e defende este estilo de vida. Um caminho muito curto, um verdadeiro atalho para atingir a virtude. O curioso é que a tradição filosófica – e também as religiões –, priorizou sempre a via longa, proposta pela dialética platônica. Ainda não percebemos que as oposições – matéria/espírito, teórico/prático –, só servem para suprimir a simplicidade que é agir e viver de acordo com a natureza.

O cinismo não trouxe grandes ideias, nem sequer ideias originais; porém, encontrou sua grandeza na figura de Diógenes – o Sócrates enlouquecido! No contexto histórico-filosófico do helenismo, o cinismo radicalizou a filosofia socrática com grande êxito. Este ideal de uma vida sem necessidades impossíveis de serem saciadas, que no tempo de Diógenes podia parecer a alguns uma originalidade, adquiriu entre os seus adeptos, uma grande eficiência, hoje é um grande desafio!

CONCLUSÃO

Apresentar o cinismo como crítica à tradição é apresentá-lo como ideal de vida, ao mesmo tempo é um desafio a atualização do discurso filosófico, ponderando os seus excessos através de práticas exemplares. Ninguém contesta que o objetivo da filosofia é uma vida sábia e não a aquisição de saber. Uma vida sábia, por vezes, ainda não é uma vida feliz. Vida feliz, como testemunha o cinismo, pode ser adquirida com o mínimo, apenas com o essencial, em observância à vontade da natureza e em respeito a autossuficiência de cada um. Viver sabiamente é, por vezes, viver ocultamente. Por vezes perdemos tempo, com o muito falar/escrever, para atingir a meta filosófica instituída por Sócrates. O cinismo pode ensinar a cada um que viver e refletir se equivalem. É preciso, cada vez mais refletir sobre o viver para aprendermos que o ideal da filosofia nunca mudou: a vida boa é uma meta possível e acessível a todos que se põem a viver de modo radical e razoável. Não

há oposição entre o bem viver e o franco falar; há, sim, uma complementariedade. O cinismo é um convite à crítica da tradição, pois é um modo de vida que se propõe a todos. O que posso aprender com o cinismo? Podemos iniciar pela tomada de consciência de tudo que nos cerca é excessivo e não natural. Podemos, em seguida, exercitar verdadeiramente o franco-falar consigo mesmo, não para se recriminar, mas para exercitá-lo no processo de superação entre o dito e o vivido. Por fim, podemos ponderar a relação entre natureza e cultura: para qual das duas a sua inclinação natural tende? O desafio do cinismo, como crítica da tradição, resulta em uma prática mínima reveladora da humanidade que há no homem.

REFERÊNCIAS

BRANHAM, R. Bracht. Desfigurar a moeda. A retórica de Diógenes e a invenção do cinismo. In: **GOULET-GAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht.** (Org.). **OS CÍNICOS: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado.** São Paulo: Loyola, 2007, p. 95-119.

DARAKI, María; ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. **EL MUNDO HELENÍSTICO: cínicos, estóicos y epicúreos.** Madrid: Akal, 1996.

DUDLEY, Donald. R. **A HISTORY OF CYNICISM: from Diogenes to the 6th Century.** Chicago: Aries Press, 1980.

EPICTETO. Entretiens. In: Les Stoïciens. Paris: Gallimard, 2012. (Bibliothèque de la Pléiade, v. II).

FOUCAULT, Michel. **O GOVERNO DE SI E DOS OUTROS: Curso no Collège de France (1982-1983).** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **CORAGEM DA VERDADE: o governo de si e dos outros II: Curso no Collège de France (1983-1984).** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GOULET-GAZÉ, Marie-Odile. Les cyniques et la “falsification de la monnaie”. In: **PAQUET, Léonce.** **LES CYNIQUES GRECS: fragments et témoignages.** Paris: LGF, 1992, p. 1-24.

HADOT, Pierre. O que é a filosofia antiga? 3 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

KANT, Immanuel. Lições de Ética. São Paulo: Unesp, 2018.

LAËRCE, Diogène. Vies et doctrines des Philosophes illustres. Paris: La Pochothèque, 1999.

LONG, Anthony A. A TRADIÇÃO SOCRÁTICA: Diógenes, Crates e a ética helenística. In: In: **GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht. (ORGS.). OS CÍNICOS:** o movimento cínico na antiguidade e o seu legado. São Paulo: Loyola, 2007, p. 39-57.

NESTLE, Wilhelm. História del espíritu griego. Barcelona: Ariel, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. SEGUNDA CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **HUMANO, DEMASIADO HUMANO:** um livro para espíritos livres II. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ONFRAY, Michel. CONTRA-HISTÓRIA DA FILOSOFIA: as sabedorias antigas. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (v. I).

PLUTARCO. ALEXANDRE E CÉSAR: as vidas paralelas dos maiores guerreiros da antiguidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SAMÓSATA, Luciano de. Diálogo dos mortos. São Paulo: Edusp, 2007 [Bilíngue].

SÊNECA, Lúcio Aneu. SOBRE A IRA • SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA. São Paulo: Penguin Companhia, 2014.

SLOTERDIJK, Peter. Crítica da razão cínica. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.